

Enquanto escrevo, anoitece e as pessoas preparam-se para jantar. O dia tem estado cinzento, algo típico em Paris. Dando uma volta ao quarteirão para arejar as ideias, penso no contraste tremendo entre as duas cidades (Nova Iorque e Paris). A hora é a mesma, é o mesmo tipo de dia, mas a palavra «cinzento», que provocou a associação, tem pouco em comum com a palavra *gris* que, a um francês, é capaz de originar um sem-fim de pensamentos e sentimentos. Há muito tempo, quando percorria as ruas de Paris e analisava as aguarelas expostas nas montras das lojas, apercebi-me da ausência singular do tom que é conhecido como cinzento de Payne. Menciono-o porque, como todos sabem, Paris é uma cidade predominantemente cinzenta. Menciono-o, pois no mundo das aguarelas, os pintores americanos usam este cinzento pré-fabricado excessiva e obsessivamente. Em França, a paleta de cinzentos é aparentemente infinita; aqui, o próprio efeito do cinzento perde-se.

Estava a pensar neste imenso mundo de cinzentos que conheço em Paris porque, a esta hora, quando normalmente me costumo dirigir vagarosamente para os *boulevards*, dou por mim ansioso por voltar para casa e escrever: exactamente o oposto do que me é habitual. Lá, o meu dia concluir-se-ia e eu procuraria instintivamente misturar-me com a multidão. Aqui, a multidão, despojada de cor, matizes, distinções, empurra-me para o interior de mim mesmo, para o meu quarto, para procurar na imaginação os elementos de uma vida agora em falta, que, quando mesclados e assimilados, poderão novamente produzir os cinzentos suaves e naturais que são essenciais à criação de uma existência enérgica e harmoniosa. Olhar

para o Sacré-Cœur de qualquer sítio da Rue Laffitte, num dia como este, a uma hora como esta, seria suficiente para me deixar em êxtase. Teve esse efeito mesmo quando estava com fome e não tinha onde dormir. Aqui, mesmo que tivesse mil dólares no bolso, não conheço qualquer sítio que me deixe assim em êxtase.

Nos dias cinzentos parisienses, dei por mim frequentemente a dirigir-me para a Place Clichy, em Montmartre. De Clichy a Aubervilliers há vários cafés, restaurantes, teatros, cinemas, lojas de miudezas, hotéis e bordéis. É a Broadway de Paris, correspondendo ao percurso que vai da 42.^a à 53.^a Ruas. A Broadway é rápida, vertiginosa, deslumbrante e não temos onde nos sentar. Montmartre é indolente, preguiçoso, indiferente e um pouco andrajoso e abatido; não é requintado, mas sim sedutor; não é cintilante, mas brilha como uma chama lânguida. A Broadway parece ser excitante, mágica até, por vezes, mas não tem chama, calor... é um aparato iluminado a amianto, o paraíso dos publicitários. Montmartre está gasto, desbotado, em ruínas, é desnudadamente depravado, mercenário, vulgar. Na verdade, repele e não atrai, mas repele insidiosamente, como o próprio vício. Há bares cheios quase só de pegas, chulos, ladrões e jogadores que, nem que por eles passemos mil vezes, no fim acabam por nos sugar e reclamar como vítima. Há hotéis nas travessas que dão acesso ao *boulevard* cuja fealdade é tão sinistra que estremecemos só de pensar em lá entrar; porém, é inevitável que um dia acabemos por passar lá uma noite; talvez até uma semana, ou um mês. Podemos mesmo afeiçoar-nos tanto ao sítio onde ficámos que acabamos por descobrir que toda a nossa vida se modificou e o que considerávamos sórdido, esquálido, pobre, se tornou encantador, delicado e belo. Este encanto insidioso que Montmartre possui deve-se maioritariamente, desconfio, ao comércio aberto do sexo que lá se faz. O sexo não é romântico, especialmente quando se comercializa o acto, mas cria um aroma pungente e nostálgico que é mais requintado e sedutor do que o cintilante *Gay White Way*¹. Na verdade, é óbvio que a vida sexual floresce com uma luz ténue e lúgubre: está em casa no claro-escuro e não sob um holofote de néon.

¹ Musical da Broadway. (NT)

Numa das esquinas da Place Clichy fica o Café Wepler, que foi, durante muito tempo, o meu poiso habitual. Estive lá sentado dentro ou na esplanada a todas as horas do dia e por todos os tipos de tempo. Conheço-o como a palma da mão. Os rostos dos empregados de mesa, dos gerentes, dos caixas, das pegas, da clientela e até dos criados dos lavabos estão-me gravados na memória como se fossem ilustrações de um livro que li todos os dias. Lembro-me do primeiro dia em que entrei no Café Wepler, em 1928, com a minha mulher a reboque; lembro-me de como fiquei chocado quando vi uma pega a estatelar-se, bêbada, em cima de uma das mesinhas da esplanada e ninguém a foi ajudar. Fiquei surpreendido e horrorizado com a indiferença estóica dos franceses; ainda o estou, apesar das qualidades positivas que possuem e que tenho vindo a conhecer. «*Não é nada, é só uma pega... estava bêbada.*» Ainda hoje essas palavras ressoam, dando-me calafrios. Mas é muito francesa, esta atitude e, se não aprendermos a aceitá-la, a nossa estadia em França não será muito agradável.

Nos dias cinzentos em que estava frio em todo o lado excepto nos cafés grandes, era um prazer passar uma ou duas horas no Café Wepler, antes de ir jantar.

O brilho difuso e rosado que se espalhava pelo café emanava do aglomerado de pegas que normalmente se reuniam perto da entrada. À medida que gradualmente se distribuíam pela clientela, o café ficava não só quente como rosado e fragrante. Rodopiavam pelo café à luz fraca do anoitecer como pirilampos perfumados. As que tinham tido o azar de não encontrar cliente, saíam vagarosamente para a rua, voltando normalmente pouco tempo depois e sentando-se nos seus lugares habituais. Outras entravam pavoneando-se e com o ar fresco de quem está pronto para uma noite de trabalho. O canto onde costumavam reunir-se parecia uma bolsa de valores, o mercado do sexo, que tem as suas subidas e descidas, como todas as outras bolsas. Um dia chuvoso era, normalmente, um dia bom, parece-me. Costuma dizer-se que só se podem fazer duas coisas quando chove e as pegas não perdiam tempo a jogar às cartas.